

# INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL

Thana Mara de Souza\*

**Resumo:** A partir das noções de intelectual orgânico, clássico e revolucionário, tais como apresentadas por Sartre nas Conferências dadas no Japão em 1965 e em entrevista de 1970 (publicadas em conjunto em *Situações VIII*), pretendemos compartilhar questões sobre qual seria o papel dos intelectuais no mundo das redes sociais, e se ainda é possível pensar em alguma função. Em primeiro lugar, descreveremos a classe social a partir da qual o intelectual surge e quais são as contradições com as quais se depara e que desvela, sobre a sociedade e sobre si mesmo. Por fim, atualizando a questão sartriana, tal como o próprio filósofo fez com a noção de universal singular discutida a partir de Kierkegaard (no artigo *L'Universel Singulier*, publicado em *Situações IX*), traremos elementos que complexificam o alcance de seu papel e a esperança em sua efetividade, ainda mais quando os próprios intelectuais contribuem para a manutenção dos valores da classe dominante, mesmo que aparentemente sejam contrários a eles.

**Palavras-Chave:** Sartre; intelectual; redes sociais; eleições.

## INTELLECTUAL CLASSICS IN THE WORLD OF SOCIAL MEDIA: REDEFINITION OF HIS ROLE IN TIMES OF PANDEMIC AND ELECTION IN BRAZIL

**Abstract:** Based on the notions of organic, classical and revolutionary intellectual, as presented by Sartre in Lectures given in Japan in 1965 and in an interview in 1970 (published together in *Situations VIII*), we intend to share questions about what would be the role of intellectuals in the world of social media, and if it is still possible to think of some function. Firstly, we will describe the social class from which the intellectual emerges and what are the contradictions he faces and reveals, about society and about himself. Finally, updating the Sartrian question, as the philosopher himself did with the notion of singular universal discussed from Kierkegaard (in the article *L'Universel Singulier*, published in *Situations IX*), we will bring elements that complexify the range of intellectual's role and the hope in its effectiveness, even more when the intellectuals themselves contribute to the maintenance of the values of the dominant class, even if they are apparently contrary to them.

**Keywords:** Sartre, intellectual, social networks, election

### Introdução:

Antes de passar à compreensão e atualização das conferências de Sartre, é importante situar o pano de fundo intelectual e político a partir dos quais os textos que deram origem ao artigo foram escritos<sup>1</sup>. Trata-se não propriamente de um texto que pretende discutir

---

\* Professora Associada do Departamento de Filosofia da UFES. Membro permanente do PPGFIL/UFES e membro colaborador do PPGFIL/UFPR. De abril de 2022 a fevereiro de 2023 faz pós-doutorado no PFi/UFF. Conta com auxílio para estágio técnico-científico da FAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8461-3239>. Email para contato: thana.souza@gmail.com

<sup>1</sup> Trata-se de um ensaio baseado em apresentações feitas sobre o papel do intelectual em dois eventos no ano de 2022. O primeiro evento, I Encontro Latinoamericano de Estudos Sartrianos, ocorreu de forma virtual em maio de 2022. O segundo evento, III Colóquio Internacional Sobre Sartre, ocorreu na PUC/RJ em outubro de

# **INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL**

Thana Mara de Souza

de forma mais teórica noções apresentadas por Sartre, mas de, a partir de seus textos, atualizar o problema proposto por ele. De modo mais simples do que o realizado pelo próprio filósofo, trata-se de aceitar o desafio proposto no artigo *Universal singular*, texto de 1966 em que o filósofo francês discute a noção presente nos textos de Kierkegaard justamente para atualizá-lo. Ao questionar o que se pode saber de um filósofo que já morreu, ainda mais quando esse filósofo afirmava a irreducibilidade da subjetividade diante do saber, Sartre faz com que o paradoxo se atualize, e com que seu próprio saber seja colocado em questão. “Lisant Kierkegaard je remonte jusqu'à moi, je veux le saisir et c'est moi que je saisis” (SARTRE, 1987, p. 187). Ao procurar um saber objetivo sobre Kierkegaard, e ao se deparar com sua recusa em ser reduzido ao conhecimento, descobre-se a atualidade de seu pensamento e a própria subjetividade de quem questiona. Kierkegaard morto se torna sujeito múltiplo, ligação interna das singularidades dos leitores contemporâneos a Sartre: “Kierkegaard est vivant dans la mort en ce qu'il affirme la singularité irréductible de tout homme à l'Histoire qui pourtant le conditionne rigoureusement” (SARTRE, 1987, p. 190).

Nesse procedimento, Sartre afirma a atualidade do fazer histórico: uma história da filosofia, que retorna, na segunda metade do século XX, a Kierkegaard, mostra-se também necessariamente um fazer filosófico, dado que as questões anteriores são resgatadas e colocadas por uma outra subjetividade, também condicionada pela circunstância histórica na qual se encontra, mas nunca totalmente redutível e resumida a ela. Assim, ao trazer as conferências de Sartre de 1965 a 2022, pretendemos tomá-las como ponto de partida teórico a partir do qual podemos pensar questões trazidas por nosso contexto, mais especificamente, a pandemia, o mundo virtual e as eleições para presidente no Brasil. Sem a pretensão de dar respostas a esses problemas, a intenção é de que ao menos possamos pensar mecanismos que possam nortear nossa teoria, e nossa ação, diante dos desafios que nos surgem neste momento.

Mas é também preciso atentar para o pano de fundo político no qual a segunda parte do artigo, apresentada em outubro, foi escrita: no dia seguinte ao primeiro turno de eleições para presidente, governador, senador e deputados federais e estaduais no Brasil. Para presidência, mesmo que em segundo lugar, o candidato Bolsonaro obteve uma porcentagem maior do que o que era esperado. Para governo do Estado do Espírito Santo, haveria um segundo

---

2022, com o tema "Virtualidade, Pandemia e Repercussões Ético-Políticas", com um convite a pensar temas sartrianos a partir de situações contemporâneas.

# INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL

Thana Mara de Souza

turno entre um candidato à reeleição e um candidato do PL, que pertenceu (e assumiu ter pertencido) à Scuderia Le Cocq no Rio de Janeiro<sup>2</sup>, quando todas as pesquisas apontavam para uma fácil vitória do candidato progressista já no primeiro turno. Também no Espírito Santo, Magno Malta tinha sido eleito novamente senador.

Nesse cenário de cansaço e desânimo, que levou o texto a um tom pessimista e talvez excessivamente crítico, foi feito o exercício que Sartre propõe aos intelectuais: não apenas o de desvelar as contradições da sociedade, mas questionar a si mesmo e a nossos atos.

## Os tipos de intelectuais

Passemos, em um primeiro momento, à descrição dos intelectuais proposta por Sartre em 1965:

Sartre apresenta, nas três conferências dadas no Japão, duas figuras do intelectual - uma que será e não será intelectual (o intelectual orgânico) e o intelectual mesmo (que será nomeado posteriormente como intelectual clássico). E, alguns anos depois (em uma entrevista de 1970), uma terceira figura - a do intelectual revolucionário, vislumbrada em Maio de 1968). Antes de atualizar a questão sartriana para nossos tempos, importa descrever esses tipos e compreender as modificações de seu papel: “Je donne ces conférences et cette interview — séparées par cinq ans et par les événements de Mai 68 — pour montrer l’instabilité, aujourd’hui, de la notion d’intellectuel” (SARTRE, 1972, p. 373). Conforme apresentado por ele, a noção de intelectual se modifica com a perspectiva histórica e adquire funções distintas, a depender do contexto na qual o intelectual se encontra.

O surgimento do intelectual, embora ainda não totalmente intelectual, se dará no século XVIII, em conjunto com o início da tomada de poder pela burguesia. Trata-se da mesma figura que em *Que é a literatura?* já aparecia como o cão de guarda da classe burguesa: “Ainda que reivindique o Bem e a Perfeição divina, o Belo e o Verdadeiro, o ‘intelectual’ está sempre do lado dos opressores. Como cão de guarda ou bobo da corte: cabe a ele escolher” (SARTRE, 2004, p. 118).

Contra a Igreja e a aristocracia, aparece um discurso humanista universalista que tenta, de forma abstrata, congregar classes distintas para uma mesma luta. Se é verdade que a

<sup>2</sup> <https://www.agazeta.com.br/es/politica/entenda-o-que-foi-a-scuderie-le-cocq-e-a-relacao-com-a-politica-no-es-1022> (Acesso em 14/11/2022).

# INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL

Thana Mara de Souza

burguesia quer assumir a luta, é verdade também que ela quer artesãos e camponeses ao seu lado, e, para isso, precisa de preceitos abstratos o suficiente para aliar-se a grupos tão diferentes. Nesse movimento, solicitado pela nobreza que ainda quer se manter no poder, e pela burguesia, que deseja uma nova ideologia, o escritor tenta se colocar acima de todos e reclama para si a autonomia, a liberdade, e a universalidade. Mas, ao fazer isso, quase que sem querer, o intelectual escritor e filósofo se coloca como ideólogo da burguesia.

No momento mesmo em que lança a liberdade abstrata contra a opressão concreta e a razão contra a história, ele caminha no mesmo sentido do desenvolvimento histórico (...). Exigindo *para si e enquanto escritor* a liberdade de pensar e de exprimir o seu pensamento, o autor serve necessariamente aos interesses da classe burguesa (SARTRE, 2004, p. 83).

Mesmo que na primeira conferência de 1965 o foco não seja especificamente sobre o escritor, podemos ver uma descrição que já estava presente em 1947. Os filósofos (pessoas de Letras, de Leis, tais como Montesquieu, Voltaire, Rousseau) “prennent la place des clerics et se nomment *philosophes*, c'est-à-dire 'amants de la Sagesse'. La Sagesse, c'est la Raison. Outre leurs travaux spécialisés, il s'agit de créer une conception rationnelle de l'Univers qui embrasse et justifie les *actions* et les *revendications* de la bourgeoisie” (SARTRE, 1972, p. 384).

Mesmo que não seja sua intenção explícita, o trabalho do escritor-filósofo do século XVIII é o de dar armas à burguesia contra a feudalidade. A liberdade como autonomia do pensamento é traduzida como liberalismo econômico e comercial. A autonomia do sujeito é traduzida como direito à propriedade (sem intermédio da Igreja), e a igualdade é traduzida como desqualificação da aristocracia contra todo o resto (como se burguesia e classe operária não tivessem diferenças).

Esses intelectuais-escretores-filósofos do século XVIII, para Sartre, são e não são intelectuais: “Faut-il voir en eux les premiers intellectuels? Oui et non” (SARTRE, 1972, p. 386). É verdade que são criticados pelos aristocratas e padres por se meterem no que não é de sua conta (definição negativa do que é ser intelectual). No entanto, eles estão a constituir a ideologia burguesa. Servem ao humanismo burguês, sem consciência infeliz, sem questionarem o papel que exercem. Por isso, ao se referir a esse primeiro grupo, que teria dado origem a uma certa noção de intelectual, Sartre utilizará a expressão de Gramsci, o intelectual orgânico: “Les 'philosophes' apparaissent donc comme des intellectuels *organiques* au sens que Gramsci prête

# INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL

Thana Mara de Souza

à ce mot: nés de la classe bourgeoise, ils se chargent d'exprimer *l'esprit objectif* de cette classe” (SARTRE, 1972, p. 386).

É preciso o desenvolvimento da burguesia para ficar mais claro que esse universalismo abstrato é cínico e que não se pode mais servir a essa ideologia sem estar consciente da contradição que o papel de técnico do saber prático nos coloca. A essa segunda figura Sartre chamará de intelectual clássico, presente desde final do século XIX.

Com a sociedade moderna, passa a ser necessário um grupo de especialistas, de técnicos do saber (expansão marítima, econômica etc.) e a práxis, que envolve, segundo Sartre, três elementos, passa a ser operada de forma distinta por cada classe social. Remetendo-se à noção de projeto tal como aparece em *O ser e o nada*<sup>3</sup> e à noção de práxis tal como aparece em textos posteriores, Sartre define esse movimento como contendo 03 elementos conjuntos: a *projeção dos fins* desejados, que determina a *pesquisa sobre os possíveis* e a *realização desses possíveis*. Se todo ato particular envolve essa estrutura de projeção, pesquisa e realização, com a divisão social de classes coube a cada classe a competência por um desses elementos. É a classe dominante (burguesa) que define os fins a serem atingidos, enquanto a classe trabalhadora deve realizar os meios para atingir os fins que não foram decididos por ela. Quanto à pesquisa sobre os meios possíveis, cabe a esse novo grupo que surge: o especialista do saber prático. São esses técnicos que pesquisarão os meios viáveis para serem trabalhados pela classe desfavorecida para que, assim, o fim projetado pela classe dominante seja alcançado. “La fonction sociale qui leur est attribuée consiste dans l'examen critique du champ des possibles” (SARTRE, 1972, p. 381). Importante ressaltar que tanto a classe trabalhadora quanto os técnicos do saber prático estão alienados da escolha dos fins dos trabalhos e pesquisas que eles mesmo efetuam. Mas o técnico, na medida em que pertence normalmente à classe média, aproxima-se da classe dominante para melhor propiciar modos dela oprimir a classe desfavorecida.

Formado na ideologia burguesa, de uma igualdade falsamente universal, que se revela como abstrata e apenas formal, o técnico defende o humanismo e pensa que sua pesquisa vai ao encontro de uma igualdade de fato. Mas, nutrido dessa formação, alguns técnicos acabam por perceber que, sob o nome de fraternidade, igualdade e liberdade, sua pesquisa serve aos

<sup>3</sup> Cf. SARTRE. *O ser e o nada*. Capítulos: “Estruturas Imediatas do Para-si” e “Fazer e Ter”.

# **INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL**

Thana Mara de Souza

interesses particularistas da classe dominante, ou seja, à pauperização da classe trabalhadora. “On leur cache sous le nom d'humanisme la véritable condition des ouvriers et des paysans et la lutte des classes; par un égalitarisme menteur l'impérialisme, le colonialisme, le racisme qui est l'idéologie de ces pratiques” (SARTRE, 1972, p. 393). O intelectual se torna intelectual quando, no exercício do saber técnico prático reconhecido pela sociedade, se dá conta dessa contradição e se manifesta contra ela. Quando o especialista compreende que seu trabalho serve para fins contrários aos que ideologicamente se coloca, cabe a ele (ao menos é uma das opções) desvelar, na sociedade e em si mesmo, a contradição da qual é fruto.

É o caso, por exemplo, de um físico que, ao realizar pesquisas técnicas sobre bomba atômica, também se pronuncia sobre a necessidade das sociedades não a utilizarem. Enquanto realiza seu trabalho técnico, é um especialista. Mas no momento em que se dá conta de que o uso da bomba atômica contraria os valores que acredita serem os melhores para sua sociedade, e passa a denunciar esse uso, torna-se um intelectual.

Em si mesmo, é possível verificar a contradição dessa sociedade, o modo como a ideologia coloca uma igualdade formal que melhor serve para fins particularistas desiguais e opressivos. Observa-se essa contradição, por exemplo, no próprio fato dele ser recrutado pela classe dominante: é ela, ao estabelecer seus fins, que decide de antemão quais as profissões que serão mais reconhecidas e mais bem pagas, quantas vagas haverá nas universidades para cada curso, quantas bolsas haverá para os poucos pertencentes à classe trabalhadora que tentarão cursar uma universidade. Mesmo que seja oriundo da classe desfavorecida, é também eleito por meio de um processo injusto, é recrutado e selecionado, enfim, é um privilegiado. Se é um humanista burguês (foi convencido por sua formação de que todos são iguais), o especialista é, ao mesmo tempo aquele que foi selecionado por um sistema de hierarquias, que serve à opressão e ao fortalecimento da desigualdade.

Também na finalidade prática de sua pesquisa é possível observar a contradição operar: se sua pesquisa serve a toda a humanidade, de fato ela será acessível apenas a parte dela. Um médico que pesquisa um remédio para o câncer (exemplo utilizado por Sartre), ou um biólogo que pesquisa vacinas contra a Covid, o faz considerando todas as pessoas. No entanto, serve a interesses particulares. Caberá às indústrias farmacêuticas, aos países, decidirem por fazer ou não os medicamentos (sabe-se que há medicamentos baratos para doenças antigas que não são produzidos justamente porque são baratos e não trariam lucros às indústrias), e para

# **INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL**

Thana Mara de Souza

quem esses medicamentos irão. Vimos, no momento inicial da vacinação contra a covid, os países brigando pela compra do produto, de modo que, enquanto alguns países já tinham garantidas duas doses, outros, mais pobres, não tinham ainda a garantia nem mesmo de uma primeira dose. Sua descoberta não chega à classe trabalhadora: “Le technicien qui invente *pour tous*, n'est finalement qu'un agent de paupérisation pour les classes travailleuses” (SARTRE, 1972, p. 395).

Se o técnico do saber prático se dá conta das contradições que sua profissão traz, então há duas opções: aderir ao discurso hegemônico ou criticá-lo. Se critica, se desvela a posição contraditória na qual ele e a sociedade está, torna-se um intelectual. O papel ético do intelectual é o de desvelar a hipocrisia do humanismo burguês, que, é, na verdade, branco e masculino: “L'humanité était faite de bourgeois, blancs et masculins” (SARTRE, 1972, p. 389). Em nome de um humanismo liberal, uma falsa universalidade, a burguesia convoca os técnicos a validarem uma ideologia particularista; e, caso eles se deem conta dessa contradição e decidam denunciá-la como cínica e excludente, se tornam intelectuais clássicos.

Em outras palavras: o intelectual passa a criticar o universalismo humanista burguês, que é dado, colocado como fixo, absoluto, eterno, atemporal. No reconhecimento da singularidade e particularidade do intelectual clássico, aparece a necessidade de projetar novos valores, que agora se reconheçam como temporais e situados, rumo a uma universalidade que nunca será totalizada. Implode-se o sentido inicial de um universal abstrato e cria-se, no lugar dele, uma universalidade que está sempre em construção, justamente porque parte do ponto oposto ao proposto pela classe dominante: pelo que há de mais concreto e singular. “L'intellectuel est donc l'homme qui prend conscience de l'opposition, en lui et dans la société, entre la recherche de la vérité pratique et l'idéologie dominante” (SARTRE, 1972, p. 399). E, ao propor esse novo caminho, trilhado no reconhecimento das particularidades e das concretudes, o intelectual aproxima-se (sem poder apagar o fato de que é alguém da classe média que foi selecionado pela classe dominante) da classe trabalhadora.

Mas essa figura do intelectual clássico, em alguns momentos, parece deixar de ser suficiente para Sartre. Se nas conferências de 1965 ainda é visto como aquele que tem um poder (mesmo que negativo) de denúncia das contradições da sociedade moderna, e prenuncie uma projeção de novos, e igualitários de fato, valores, em 1972 o mesmo filósofo faz uma crítica (que também é autocrítica) dura ao intelectual clássico: agora, ser apenas a consciência

# INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL

Thana Mara de Souza

infeliz do tempo não basta. É preciso dar um passo a mais (que Sartre afirma não ser capaz de dar), e caminhar na direção do próprio desaparecimento do intelectual (fruto de uma sociedade de classes). Em outras palavras, em 1972, ao unir as conferências de 1965 com uma entrevista de 1970 sobre Maio de 1968, Sartre vê uma nova figura do intelectual surgir: o intelectual revolucionário. Este não se contenta mais em efetuar apenas uma denúncia, pois sabe que “aucune *dénonciation politique* ne pourrait compenser le fait qu'il est objectivement l'ennemi des masses” (SARTRE, 1972, p. 373).

Se é bom e importante que intelectuais estadunidenses denunciem a guerra do Vietnã, é verdade também que a eficácia da denúncia é quase nenhuma. Diante de trabalhos de outros técnicos do saber prático, de disponibilizar concretamente armas aos EUA, de que vale um manifesto? “J'ai compris aujourd'hui qu'il ne pouvait s'arrêter au stade de la conscience malheureuse mais qu'il devait s'attaquer à son propre problème ou, si l'on préfère, nier le *moment intellectuel* pour tenter de trouver un nouveau statut *populaire*” (SARTRE, 1972, p. 374).

Há, aqui, a indicação de uma radicalização do papel do intelectual, no qual ele se dá conta que é necessário deixar de ser intelectual. O papel ético desse novo intelectual é, então, o de destruir-se como intelectual, de, na aproximação com a classe trabalhadora, diluir-se nela na busca concreta de uma sociedade na qual, sem mais divisão de classes, não exista mais o intelectual clássico. No entanto, Sartre apenas vislumbra esse novo intelectual, e afirma que, já idoso, não teria condições de efetuar esse movimento.

Sartre afirma, portanto, ser um intelectual clássico, aquele que continua a escrever *O idiota da família* quando ocorre Maio de 68. Parece haver, ao mesmo tempo, um certo descompasso entre o que ele mesmo é e o que o tempo exige, e uma esperança nesse novo tipo de intelectual que surge no horizonte, um intelectual que se anula como intelectual e se junta à classe trabalhadora, que coloca a si mesmo em questão do modo mais radical possível, não apenas como consciência infeliz que gosta de ser consciência infeliz.

Mas de 1965 a 2022, o que mudou? Quais as perspectivas para os intelectuais contemporâneos?

# **INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL**

Thana Mara de Souza

## **O intelectual no mundo das redes sociais**

Ainda nos mantemos num mundo de classes, no qual a classe dominante projeta os fins que serão pesquisados pelos intelectuais e realizados pela classe trabalhadora. Mesmo que não mais facilmente nos demos conta disso, sem mais noção de trabalho coletivo e de classe trabalhadora, em grande parte por conta da uberização do trabalho e da valorização dos empreendimentos individuais, ainda nos mantemos em um mundo em que os papéis estão pré-delimitados e com processos seletivos injustos que hierarquizam e oprimem pessoas: número de vagas em cursos universitários, número de bolsas, número de vagas em pós-graduação, número de vaga de docentes dentro de uma universidade (para ficarmos apenas no caso de carreira acadêmica), em processos que a cada passo excluem mais pessoas.

O intelectual revolucionário vislumbrado por Sartre parece ser mais miragem do que realidade. Nos mantemos, portanto, no mundo do intelectual clássico no qual Sartre estava: aquele que, burguês, critica a burguesia, que desvela em si e no mundo a contradição dos valores burgueses, desse humanismo falsamente universal, que é composto apenas por “homem, branco e burguês”.

Mas, se o papel do intelectual não está desvinculado das circunstâncias nas quais se encontra, não podemos pensá-lo, hoje, sem considerar que vivemos em um mundo de redes sociais. Colocarei questões (não respostas) relacionadas a dois aspectos atuais sobre o intelectual nas redes sociais: em relação à pandemia de covid e ao primeiro turno das eleições de 2022 para presidente no Brasil.

Adianto que são questões de quem se vê envolta em contradições externas (da sociedade) e internas (meu próprio fazer filosófico) e que, num momento de pessimismo, coloca a seu próprio trabalho intelectual em questão.

### *O intelectual e a pandemia*

O intelectual, na concepção sartriana, é alguém que tem um saber técnico reconhecido e que se torna intelectual ao perceber a contradição de seu papel (estar a serviço da pauperização da classe trabalhadora ao falar de universalidade e igualdade). Não se trata, então, de uma noção restrita de intelectual, de membros de uma universidade ou de escritores. Qualquer técnico, na medida em que coloca em questão a função de seu trabalho e de seu papel na sociedade, torna-se um intelectual.

# INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL

Thana Mara de Souza

Na pandemia, vimos, felizmente, o papel de intelectual ser renovado nas mídias e nas redes sociais. Biólogos, epidemiologistas e docentes apareciam em jornais e redes de televisão para explicar elementos técnicos sobre o vírus, mas não apenas isso: também para indicar como a sociedade deveria lidar com a pandemia. Cito, apenas para dar poucos exemplos, o biólogo Átila Iamarino, e a pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcomo.

São alguns exemplos de técnicos de um saber que compreenderam que a pesquisa realizada por eles ia na contramão dos valores abstratos de universalidade defendidos pela classe dominante, e que se revelavam na prática como excludente. Ao defender o isolamento e a necessidade de máscaras, lançavam como valores a preservação da vida em meio a uma sociedade em que as classes dominantes ainda mantêm o lucro como objetivo. Do mesmo modo, insistiram na necessidade de todos serem vacinados, indo na contramão dos países que queriam restringir o uso de vacinas, ou comprando todas as existentes (e impedindo que países mais pobres se vacinassem), ou mesmo pela própria decisão de governantes negacionistas. Esses especialistas se tornam a consciência infeliz de nossos tempos de pandemia.

Utilizando as redes sociais e as mídias brasileiras, denunciaram o rumo errado e desastroso do governo federal ao tratar da vacinação. Extrapolaram o papel específico inicialmente reconhecido e compreenderam que questionar o efeito de sua pesquisa (a vacina será encaminhada para todos? quais serão as prioridades?) também era questionar a si mesmo e à sociedade em que vivemos. Eles efetuaram exatamente o que é, para Sartre, a descrição do intelectual clássico:

*s'il refuse d'être agent subalterne de l'hégémonie et le moyen de fins qu'il ignore ou qu'il lui est interdit de contester, alors l'agent du savoir pratique devient un monstre, c'est-à-dire un intellectuel, qui s'occupe de ce qui le regarde (en extériorité: principes qui guident sa vie, et intériorité: sa place vécue dans la société) et dont les autres disent qu'il s'occupe de ce qui ne le regarde pas (SARTRE, 1972, p. 397).*

Parece, pois, à primeira vista, um fortalecimento do papel do intelectual clássico tal como Sartre nomeava. No entanto, as redes sociais embaralham essa história. Podemos ainda falar que há o reconhecimento do saber técnico deles? A fala de Átila Iamarino (para citar, dentre os dois lembrados acima, aquele que já tinha um canal em rede social) ocorre ao mesmo tempo que a fala de milhares de outras pessoas. Todas dando palpites sobre vacinação, remédio para tratamento precoce, lockdown e imunização de rebanho.

# INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL

Thana Mara de Souza

Se Walter Benjamin<sup>4</sup> já denunciava a informação como oposta à formação, pelo não respeito ao tempo e espaço outros, trazidos na troca de intersubjetividades, hoje vemos isso ao extremo. Smartphones que a todo momento soam ou vibram nos avisando sobre uma nova notícia, uma nova propaganda no e-mail, uma nova postagem nas redes sociais. E lá vamos nós, passando de um *story* a outro, sem reter nada, sem nos comunicarmos com os outros, a não ser por emojis pré-programados, a passar o dia imersos em notícias que não lemos, sobre a qual não pensamos, e que compartilhamos para outros que também não lerão.

Nessa serialidade extremada, com os algoritmos escolhendo destinação de postagens, até que ponto a fala desses técnicos chega ao ouvido de todos? Chegou a mim porque faço parte de uma bolha específica, que já é de quem acreditaria no discurso desses técnicos. Mas e quem está na bolha oposta? O que chega a eles?

A meu ver, dilui-se o reconhecimento dado ao técnico do saber prático. Todos podem opinar sobre epidemiologia, e o resultado disso é que o impacto dessas falas todas passa a ser nenhum. Ainda mais se considerarmos que os números escolhem para quem tal vídeo irá. Se já era difícil a saída de bolhas, as redes sociais têm aumentado a sensação de conforto por só mostrar meu espelho.

Há, pois, uma espécie de ambiguidade quando pensamos no papel do intelectual em meio à pandemia: por um lado, a pandemia mostrou ainda existir essa figura do intelectual clássico. Por outro, esse papel parece ser mais esvaziado do que na época em que palavras eram atos, em que ainda havia palavras, e não apenas emojis.

Mas continuemos e nos aprofundemos no pessimismo.

## *O intelectual e repercussões políticas em tempos de virtualidades*

Embora saibamos que toda rede social é controlada por algoritmos, continuamos a postar, alegres, sobre política. Faz parte querermos fazer parte de uma comunidade, seja ela um time de futebol, uma igreja, ou uma bolha de rede social. Ser parte da “comunidade acadêmica” não é menos “comunidade” do que uma “comunidade religiosa”.

A esses discursos mais crentes no poder político de postagens em redes sociais para sua própria bolha, trago dúvidas de uma intelectual com pouca esperança: em que medida postar *selfies* com livros em língua estrangeira nas eleições de 2018 ou pilha de 13 livros vermelhos

<sup>4</sup> BENJAMIN, W. O narrador In *Obras escolhidas I*.

# INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL

Thana Mara de Souza

em 2022 é eficiente para dialogar com pessoas que não votariam nos candidatos em que nós votamos? E se não é isso que buscamos, o que é, então?

Visto pela bolha que já é bolha, não modifica nada.

Visto pelos de fora da bolha, impressão é de arrogância e discriminação. Caso o próximo candidato à presidência seja de um partido com número muito maior que 13, daremos um jeito de mostrar que temos milhares de livros sobre um mesmo tema em casa, enquanto a maioria não tem o que comer no dia-a-dia.

Sim, nós, docentes universitários, somos burgueses, somos classe média alta no Brasil. Embora seja óbvio, como Pikkety mostra<sup>5</sup>, que entre o 0,01 e o 0,1% tenha uma distância maior que entre o 01, e o 1%, que, por sua vez, é ainda muito maior que entre o 1 e o 5%, fazemos parte dos 5% de maiores salários do país<sup>6</sup>. Podemos ter 13 livros de uma mesma cor dentro de casa. Por sermos sempre em situação, não há como fingir que não somos burgueses.

Mas, ao invés de sermos consciência infeliz, que denuncia as contradições da sociedade e nossas próprias contradições, parece que estamos nos colocando como consciências felizes, mais como intelectuais orgânicos do que como intelectuais clássicos. Mesmo votando em partidos pretensamente progressistas, queremos deixar explícitos que sabemos ler em francês/alemão/latim (e implicitamente que os outros, não). Queremos mostrar explicitamente que somos cultos, e que os outros, implicitamente, não.

Ao invés de irmos na direção de aproximação da classe trabalhadora, nos distanciamos ainda mais. Ao invés de compreendermos que valores outros devem ser postos, em conjunto com os que também são captados pelas finalidades impostas pela classe dominante, reafirmamos os valores da classe dominante.

O que fazer, então? Não sei. Como disse, são dúvidas de uma pessimista, e não respostas.

Talvez o passo a ser dado seja o mesmo que Sartre anuncia e não soube/pode dar. Mesmo que ele continuasse a escrever *O idiota da Família* em pleno Maio de 68, ao menos indicou um movimento além do desvelamento: um encontro não hierárquico entre acadêmicos e trabalhadores.

<sup>5</sup> Cf. PIKETTY. *O capital no século XXI*.

<sup>6</sup> O cálculo pode ser verificado em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57909632> (Acesso em 21/11/2022)

# **INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL**

Thana Mara de Souza

Ao invés de darmos um passo atrás e sermos felizes postando anúncios para nossos colegas, ao invés de berrarmos aos quatro cantos da virtualidade sem cantos que “o povo não sabe o que quer”, “o povo é burro”, devemos começar por colocar a nós mesmos em questão: em que medida nossas atitudes não servem à marcação da desigualdade e à pauperização da classe trabalhadora? Como projetar valores outros em diálogo com as classes trabalhadoras, nos afastando do falso universalismo burguês, que serve à opressão de mulheres, negros e trans, para citar só alguns exemplos?

Dar esse passo do intelectual clássico para o intelectual revolucionário me parece urgente. Mas, e isso é importante ressaltar, esse outro passo não implica deixar de escrever e fazer pesquisa filosófica, mas significa compreender que esse trabalho teórico não está dissociado de uma prática. Do mesmo modo que Sartre afirma, nas conferências, que não basta o intelectual fazer um trabalho teórico contra o racismo, mas deve assumir atitudes cotidianas antirracistas, o inverso deve ser dito: um questionamento prático sobre meu papel na sociedade não pode vir sem ao mesmo tempo um trabalho teórico que dê bases e fundamentos para novas noções.

E esse cuidado é importante porque, na sociedade atual, temos visto a saída de uma falsa objetividade total para uma também falsa subjetividade total. Se é verdade que em toda pesquisa teórica há subjetividades situadas trabalhando, isso não significa que devemos abrir mão de toda objetividade e mundanidade. Se assim for, sobrarão relativismos e nada nos permitiria afirmar a importância de uma vacinação, por exemplo. É por meio de dados concretos, de uma objetividade, que podemos dizer que vacinar é essencial. Do mesmo modo, um trabalho filosófico não é uma mera narrativa de si mesmo, mesmo que nós sempre estejamos implicados no trabalho que realizamos.

É um caminho de mútua imbricação. Assim como uma publicação teórica deve ser acompanhada de questionamentos pessoais sobre a atitude do pesquisador, esse questionamento não elimina a necessidade da pesquisa teórica. Teoria e ação deveriam andar lado a lado.

Enfim, me parece urgente dar esse passo além. Se nós mesmos não pudemos realizá-lo, dado que, existindo sociedade de classes, existimos enquanto intelectuais clássicos burgueses, que ao menos visemos esse fim, que ao menos nos preocupemos em dar passos

# **INTELECTUAIS CLÁSSICOS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS: REDEFINIÇÃO DE SEU PAPEL EM TEMPOS DE PANDEMIA E ELEIÇÃO NO BRASIL**

Thana Mara de Souza

teóricos e concretos na direção do intelectual revolucionário. Nem que seja para, no compartilhamento de treze livros vermelhos, revertermos a ideia de arrogância e nos aproximarmos dizendo: “estão vendo? Somos, como vocês, vítimas e cúmplices da serialidade. Compartilhamos fake news e notícias sem ler, assim como correntes de fé, como vocês em seus cultos”.

Se não dermos esse passo, o risco é de continuar a sermos os moradores do reino isolado de Laranjeiras, bairro da zona Sul do Rio de Janeiro, que deu os 26% de votos a Freixo. E nada mais.

## **Referências Bibliográficas**

BENJAMIN, W. O narrador. In *Obras Completas I*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIKETTY, T. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SARTRE. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 2004.

SARTRE. Plaidoyer pour les intellectuels. In *Situations VIII*. Paris: Gallimard, 1972.

SARTRE. L'ami du peuple. In *Situations VIII*. Paris: Gallimard, 1972.

SARTRE. L'Universel singulier. in *Situations IX*. Paris: Gallimard, 1987.

SARTRE. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 1999.